

# Um passo decisivo na caminhada

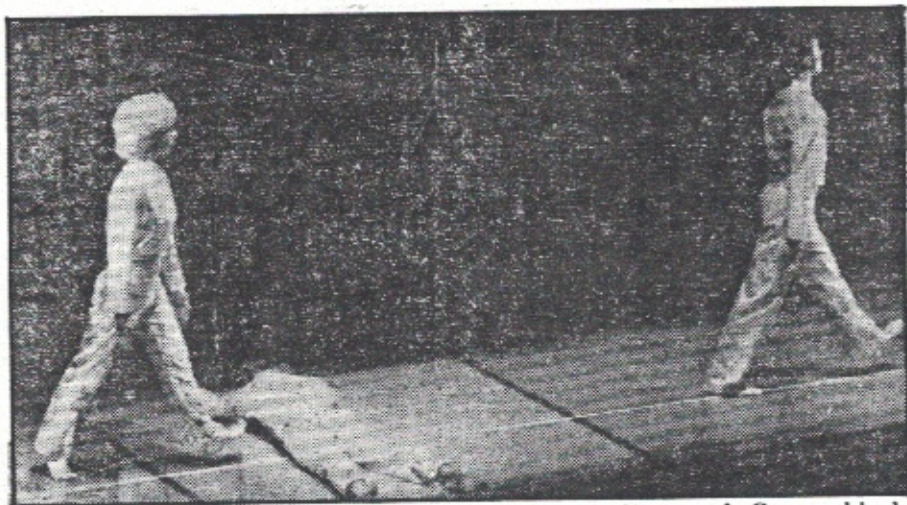
## Bailado

Manuela de Azevedo

PENSO QUE O ÚLTIMO programa estreado na capital pela Companhia de Dança de Lisboa é uma das suas melhores, mais equilibradas e sugestivas produções.

É pena que o grande público que há cinco ou sete anos acorria aos espectáculos no Maria Matos e no Teatro Aberto, público ruidoso de todas as idades, se esqueça agora de encher as noites do S. Luís. Era, então, um grupo semiprofissional. Agora, que a Companhia fez da dança uma profissão, ingratamente as mães das meninas (estarel a ser injusta?) estão voltadas para outros lados — o que não seria mau, se realmente também fossem aplaudir espectáculos como este último a que estou a referir-me. Mas é preciso ter em conta, e não ter ilusões, que, neste país, quem não dispuser de altas verbas em vão pensará em obter loiros, lutando pela cultura, lutando por objectivos culturais, mais da Pátria do que seus...

Para já, e antes de me referir a outros aspectos do espectáculo, quero dizer que o programa — e um programa terá de ser uma janela aberta sobre o palco — melhorou muito na arrumação dos temas como guia do espectador, já que, desde sempre, o seu aspecto gráfico foi excelente. Estas generalidades não são um disfarce para me subtrair ao prazer de dizer que os três bailados apresentados pela Companhia de Dança de Lisboa marcam um passo muito decisivo na sua caminhada para um futuro bem representativo do bailado em Portugal. Parecendo que se decide pela dança contemporânea, sem contudo se divorciar da melhor escola clássica, a Companhia de Dança de Lisboa abriu o programa com *Linha da*



**Originalidade e qualidade caracterizam as últimas realizações da Companhia de Dança de Lisboa, cada vez mais necessitando o apoio do público, do mecenato e, naturalmente, das entidades oficiais**

*Frente*, agora expurgado de uma certa «brutalidade», quero dizer, não menos egoísta mas não tão feroz. As luzes, de José Manuel de Oliveira, creio que ilustraram de modo mais suave a coreografia de Mark Haim, sobre música perturbante dos Art of Noise...

*Inventário em 5 Andamentos* (coreografia de Francisco Camacho) não terá resultado tanto quanto o sonho do artista, porque a gravação das palavras e a música não se entenderam, pelo menos se era intenção do autor que se entendessem conceitos sobre ordenação de cores e sons. Mas o trabalho, incluindo a participação filmica, que também não deve ter sido a idealizada, deixa aberto um sugestivo caminho à especulação criativa e artística — ou seja, à fusão da palavra, da cor e do gesto. Gostei, francamente, desse caminho vislumbrado, através de uma interpretação balética e estática e despo-

jada que serve, creio, os objectivos do coreógrafo.

Fechou o programa com *Bizâncio*, coreografia de Mark Haim, música original de Victor Joaquim, executada sobre música sacra bizantina e com a colaboração do saxofonista Cristóvão Martinho (é preciso chamar à ribalta quem tem direito a estar lá). Este bailado, já pela espiritualidade da fusão da música e instrumentos, já pela coreografia, representa um ponto importante na carreira da Companhia de Dança de Lisboa, direi mesmo que na carreira da dança portuguesa. Bem merece as credenciais que aqui lhe deixo e oxalá que o público nelas se reveja. E não apenas o de Lisboa, que lhas deve, mas sobretudo o de fora da capital. Aliás, não tanto quanto deve mas talvez mais do que pode, a Companhia de Dança de Lisboa tem como programa atento e difícil o da descentralização cultural.